

Linguagem informal vicia estudantes

O uso freqüente da linguagem informal pela sociedade, sem as regras e o rigor da gramática, tem prejudicado o aprendizado de alunos de 1º e 2º graus, principalmente da rede pública, no ensino da Língua Portuguesa e de outras disciplinas. Hoje, ao entrar nas salas de aula para ensinar a língua formal, os professores se deparam com uma realidade em que os alunos se comunicam através de variações e registros linguísticos que poderiam ser considerados imperdoáveis à luz da gramática, mas considerados normais no falar do dia-a-dia.

Frases como "os menino brincam", "a gente vai" ou "é hora de áma", por exemplo, são inaceitáveis em qualquer texto escrito, mas na linguagem falada são normais e freqüentes, principalmente para uma camada da população que, se nunca teve acesso ao padrão culto, convive com pessoas que desconhecem as regras formais. Para a maioria dos alunos da rede pública, esses "erros", consi-

derados como variações lingüísticas pelos professores, fazem parte do seu universo como as únicas formas que conhecem e que ultizam para se comunicar.

Conflito

Segundo a professora da Escola de Aperfeiçoamento de Pessoal (EAP) da Fundação Educacional e ex-coordenadora da área de Português, Cirlene Magalhães, o choque entre essas duas realidades — a língua formal, como define a gramática e a linguagem falada, com os erros, vícios e regionalismos — prejudica não só o ensino da Língua Portuguesa, mas interfere em todas as disciplinas. "Como os alunos só conhecem a linguagem informal, na forma como falam, enfrentam diversas dificuldades quando entram em contato com a língua padrão", afirma. Em alguns casos, segundo a professora, o estudante não entende sequer os enunciados dos problemas de Física ou Matemática, por exemplo, por absoluto desconhecimento da linguagem. "É como se estivessem ten-

tando ler outra língua", afirma.

Embora a Fundação Educacional do Distrito Federal ainda não tenha nenhuma avaliação detalhada do rendimento de seus alunos em Língua Portuguesa, a constatação dessas duas realidades tem mobilizado um grupo de professores que apostam em uma nova metodologia de ensino do português. Ao ensinar aos alunos que pela língua padrão o mais correto será dizer "os meninos brincam", "nós vamos" ou "é hora de amar", os professores não dirão que a outra forma está errada, mas que esta é a mais conveniente para diversas situações que exigem o padrão formal.

Adequação

Pela proposta nova da Fundação, que já começa a ser trabalhada junto aos professores, no lugar da tradicional punição ao aluno que venha a conjugar um verbo de forma errada, por exemplo, os docentes deverão mostrar ao estudante que a linguagem falada é aceita

com suas variações; mas se distingue da língua formal nas situações específicas em que deve ser utilizada.

"Mesmo com o fortalecimento da linguagem coloquial, principalmente pelos meios de comunicação, a língua formal é à que será cobrada em concursos e vestibulares, por exemplo, e o aluno deve distinguí-las para adequar o seu uso em cada ocasião", explica o professor e coordenador da área de Ciências Sociais da EAP, Hermenegildo Bastos.

Diante da situação, antiga mas só agora colocada em questão, a nova proposta da fundação Educacional quer que os seus professores estejam preparados para essa dupla realidade. "Os professores começarão a ser mais cobrados e exigidos no conhecimento da língua e na metodologia de ensino", afirma Hermenegildo Bastos defendendo, em contrapartida, a formação de um aluno mais crítico e que poderá escolher a forma de linguagem que usará em cada situação.